

Jornalismo e Memória: A representação do Programa Mais Médicos pelas narrativas jornalísticas da versão impressa da *Folha de S. Paulo*¹

Eliene RESENDE²

Mestranda

Fernanda Nalon SANGLARD³

Doutora

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir sobre o jornalismo enquanto articulador e promotor de memórias, a partir da análise das narrativas jornalísticas da *Folha de S. Paulo* por ocasião do fim do Programa Mais Médicos e da volta dos médicos cubanos para o seu país de origem. Desde sua criação e por todos os anos em que esteve em vigência, o Programa Mais Médicos sempre foi pauta da mídia brasileira, que contribui de alguma forma para o registro e a materialidade memorial do que foi tal política pública de saúde. A pesquisa envolve análise de conteúdo multimodal a partir da identificação de enquadramentos, e a coleta de dados foi realizada entre 14 de novembro de 2018 e 1º de agosto de 2019.

Palavras-Chave: História do Jornalismo; Memória; Mais Médicos; *Folha de S. Paulo*; Saúde.

Introdução

Nos últimos anos tem se discutido muito sobre a relação entre jornalismo e memória (Barbosa, 2019; Palacios, 2011; Ribeiro, 2020; Sanglard, 2017). Para Barbosa (2005), comentando os fatos passados, o jornalismo retém esses mesmos fatos no presente, ainda que seja fundamental acrescentar nos textos do mundo contado marcas que distinguem a verdade da ficção: os documentos, por exemplo. Através das narrativas jornalísticas, acontecimentos, fatos, história são contadas e lembradas, porque o jornalismo é investigativo, analítico, e suas narrativas são de conteúdo noticioso.

Este artigo pretende compreender como a relação entre jornalismo e memória pode ter se materializado numa cobertura específica, a do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a política pública de saúde do governo brasileiro que ganhou o nome de Programa Mais Médicos. O jornal selecionado para realizar o estudo foi a *Folha de S. Paulo*, por ser o principal periódico *mainstream* do Brasil. De acordo com informações divulgadas em fevereiro de 2021 pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil), a *Folha* liderou em 2020 a circulação entre os jornais do país. Registrou média mensal de 337.854 exemplares diários pagos, crescimento

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). email: elieneresende.31@gmail.com

³ Doutora. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) e Jornalista. email: nandanalon@yahoo.com.br

de 3% ante a média de 2019, e liderou também na média mensal de assinaturas digitais (266.669 assinaturas).

O recorte temporal utilizado para a coleta de dados vai do dia 14 de novembro de 2018, data exata do término do acordo do Brasil com Cuba, ao dia 1º de agosto de 2019, data marcada pelo lançamento do Programa Médicos pelo Brasil, que substituiu o Mais Médicos. Na mídia, o Mais Médicos sempre foi um assunto que esteve presente nas pautas dos principais jornais, sobretudo no que se refere aos médicos cubanos.

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada busca no acervo da *Folha de S. Paulo*, utilizando a expressão “Mais Médicos”, o que resultou em 171 narrativas. Na sequência, realizou-se filtragem, excluindo as narrativas que não tinham como assunto principal o Programa Mais Médicos (havia menção descontextualizada ao programa ou o tratavam de modo secundário). Assim foram selecionadas 83 narrativas e 18 capas do jornal que destacavam o Mais Médicos para compor o corpus. Os resultados apresentados neste artigo partem de análise de conteúdo multimodal, buscando identificar enquadramentos e os modos de endereçamento da memória.

Breve histórico sobre o Programa Mais Médicos do Brasil

O programa Mais Médicos foi criado no ano de 2013, em período de ebulição política no Brasil, com manifestações populares ocorrendo em diversas cidades com pautas de reivindicações diversificadas. Braga, (2013) destacava que junho de 2013 entraria para a história das rebeliões sociais no Brasil, o que de fato aconteceu, desencadeando uma crise política no país.

Para controlar o "caos" que havia instaurado no país, o governo federal tomou decisões rápidas e em reunião realizada entre governadores, prefeitos e a presidente Dilma Rousseff (PT) lançaram assim “cinco pactos”, conforme destaca Nobre (2013):

Impressiona que tenham rapidamente obrigado a presidente Dilma Rousseff a fazer um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV. Impressiona que tenham obrigado a presidente a organizar às pressas um encontro com os 27 governadores e 26 prefeitos de capitais para anunciar “cinco pactos” entre todos os níveis de governo, relativos a transporte, educação, saúde, responsabilidade fiscal, reforma política e mesmo corrupção (NOBRE, 2013, p.7).

O pacto relacionado com a área da saúde, tinha como objetivo buscar melhorias para os vazios assistenciais da política de saúde pública, de acordo com Silva (2017).

A presidenta propôs aumentar investimentos em UPAs, hospitais e unidades básicas de saúde, além de ampliar a troca de dívidas dos hospitais filantrópicos por atendimento. Além da melhoria da estrutura física, foi apresentada a ampliação de vagas nos cursos de medicina e da residência médica. Neste pacto, também foi proposta a contratação de médicos estrangeiros para trabalhar exclusivamente no SUS, onde não houver disponibilidade de médicos brasileiros. [...] ciente da resistência das entidades médicas, a presidenta já adiantava que haveria um “bom debate democrático” e que não se trata de medida desrespeitosa aos médicos brasileiros. Ressalta que a proposta é emergencial, haja vista os vazios assistenciais, principalmente em áreas remotas e periferias de grandes cidades (SILVA, 2017, p. 71).

A proposta não agradou a classe médica brasileira e esta começou a atacar o governo e a proposta. Mesmo com as duras críticas, no dia 8 de julho de 2013 o Programa Mais Médicos⁴ foi lançado pela então presidente Dilma Rousseff e tinha como principal objetivo levar atendimento médico para as áreas remotas e de periferias das grandes cidades. O objetivo era diminuir a carência de médicos, podendo ser empregada mão de obra estrangeira (como a de cubanos) para ocupar as vagas que não haviam sido preenchidas por brasileiros.

Para Telles *et al.* (2019), as políticas públicas que propõem a universalização do acesso aos serviços de saúde sempre tiveram de enfrentar dois gargalos: o número escasso de médicos e a má distribuição desses profissionais pelo território nacional. De fato, com apenas os profissionais médicos brasileiros não seria possível acabar com o vazio existencial do atendimento médico por todo o país, assim Brasil e Cuba firmaram um acordo bilateral e os médicos cubanos passaram a integrar o programa.

É inegável que desde sua criação o programa Mais Médicos sempre esteve presente nas pautas jornalísticas e foi um assunto de grande destaque na sociedade, conforme destaca Moraes *et al* (2014):

O Programa Mais Médicos repercutiu nas entidades médicas, no governo, na mídia e sociedade, dando subsídio para jornais publicarem notícias sobre as fases do programa, disputas corporativas e negociações relacionadas a temas abrangentes como educação, política e economia do país. Porém estas notícias nem sempre se mostraram positivas, relatando o contraste entre o posicionamento do governo e dos conselhos federal e estaduais de medicina, além de discutir problemas enfrentados para a “implementação prática” do programa no país (MORAIS *et al.*, 2014, p. 116).

A contratação dos médicos cubanos foi um dos grandes impasses entre a mídia, o programa e o governo Federal, para Macedo *et al* (2016):

⁴ O programa foi criado por meio da Medida Provisória n° 621, publicada em 8 de julho de 2013 e regulamentada em outubro do mesmo ano pela Lei n° 12.871, após amplo debate público na sociedade e no Congresso Nacional.

A mídia de massa posicionou-se com discurso contra o Programa Mais Médicos [...], relacionou o atraso de Cuba com a qualidade dos médicos, apontou a questão de não passar pelo Revalida e de interesses não públicos do Governo de Cuba, trouxe o tema do comunismo, etc. (MACEDO *et al.*, 2016, p. 609).

De fato, as notícias que envolviam os médicos cubanos quase sempre eram de cunho negativo e levantavam suspeitas sobre as capacidades profissionais destes. Todo esse dilema permaneceu na mídia e na classe médica até que Cuba, em 14 de novembro de 2018, colocou fim ao acordo bilateral e os médicos cubanos retornaram para Cuba. Esta decisão aconteceu depois que Jair Bolsonaro venceu as eleições para presidente em 2018. Durante a campanha eleitoral e depois de eleito, Bolsonaro fez duras críticas ao Programa Mais Médicos e aos médicos cubanos, o que fez Cuba acabar com o acordo. A partir de 1º de janeiro de 2019, quando assumiu a presidência, ainda insatisfeito com o programa, o presidente prometeu reformulá-lo. E assim, em 1º de agosto de 2019, o governo federal lançou o Programa Médicos pelo Brasil.

Jornalismo e memória

Para Motta *et al.* (2004), o jornalismo atua além da mera produção de notícias, de um consumo massivo de informações, configura-se como veículo de reinserção da audiência no universo social. O jornalismo pode e deveria ser interpretativo, contextual, investigativo e analítico, ainda que nem sempre esses elementos possam se manifestar simultaneamente nos conteúdos. Ainda segundo Motta *et al.* (2004), o jornalismo, especialmente por meio das notícias, “narra os dramas e tragédias da vida humana, os conflitos, as lutas, as utopias, os sonhos, os medos, os desejos, as frustrações os sentimentos de personagens que preenchem as páginas de jornais e revistas, bem como a programação de rádio e TV” (MOTTA *et al.*, 2004. P. 34).

Anunciação (2011) destaca que, no jornalismo especificamente, o acontecimento se configura como o aspecto temporal do fato social cuja pontuação rítmica é um desdobramento operativo da periodização. Ele ainda faz um destaque em relação às notícias que têm valor de realidade. Nesse aspecto, Wilson Gomes (2009) lembra que o jornalismo tem um duplo compromisso com a veracidade, pois não basta que as sentenças produzidas sejam verdadeiras, há também de existir pretensão de verdade.

Diante dessas perspectivas, da noção de *newsmaking* e do avanço nos estudos do jornalismo para a compreensão de que a produção midiática não reflete a realidade, mas sim contribui para a sua construção (Tuchman, 1993), compreender a relação entre jornalismo, narrativa e memória se torna relevante.

Conforme Sanglard (2017), a produção de narrativas midiáticas comporta o dilema da escolha entre o que será “imobilizado” ou lembrado e aquilo que será silenciado ou poderá ficar esquecido. Por meio dos enquadramentos utilizados, o jornalismo contribui para construir memórias coletivas ou públicas acerca dos episódios históricos.

Para Motta (2005), a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. Segundo Resende (2005), nas narrativas são tecidos os saberes acerca do mundo, e, a partir delas, outros saberes são construídos. Motta *et al.* (2004) apontam que as notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas também atualizam a realidade social.

Albuquerque (2000) destaca a importância do papel desempenhado pela narrativa no jornalismo, que não se limita à explicação do significado dos eventos noticiados. Constitui também um recurso importante para legitimar a autoridade descritiva e interpretativa do jornalista acerca da realidade. Resende (2005) afirma que as narrativas cumprem a função de tecer a existência entre os meios e a sociedade.

Conforme Barbosa (2005) o texto jornalístico, portanto, é uma narrativa que recupera um tempo vivenciado por um outrem, narrado por um locutor, que instaura o tempo das coisas contadas.

Para o teólogo Jan Assmann (2008) a memória é conhecimento dotado de um índice de identidade, é conhecimento sobre si, quer dizer, é a identidade diacrônica própria de alguém, seja como indivíduo ou como membro de uma família, uma geração, uma comunidade, uma nação ou uma tradição cultural e religiosa.

Ainda para Barbosa (2019), a memória configura-se como um conector fundamental que nutre o passado.

O passado não é fixo: é materializado pelas recordações e sempre transformado pela interpretação que fazemos. O passado é o vínculo memorável estabelecido a partir do presente. A memória configura-se, assim, como um conector fundamental que nutre o passado, ao mesmo tempo em que o torna presente. Por outro lado, o presente indica o que vivemos, mas também as lembranças proporcionadas pelo passado. Essas lembranças existem sempre no presente, construindo-o pelo entrelaçamento do mesmo (as ações

vivas) e do outro (as memórias que tornam o passado presente). (BARBOSA, 2019; p. 19).

Sabendo que não há nada mais presente do que a memória e que as construções por ela possibilitadas são importantes para se compreender as temporalidades dos acontecimentos e criar conexões cognitivas, utilizar-se-á dessa discussão teórica sobre jornalismo, narrativas e memória para entender como o jornal *Folha de S. Paulo* enquadrava o programa Mais Médicos e de que modo teria ou não contribuído para a construção de memórias sobre essa política pública.

A representação do Programa Mais Médicos

A análise de enquadramento multimodal que envolve a análise da imagem, da narrativa e do enquadramento noticioso, foi usada para alcançar o objetivo proposto por este estudo a fim de refletir sobre o jornalismo enquanto articulador e promotor de memórias, a partir da análise das narrativas jornalísticas da *Folha de S. Paulo* por ocasião do fim do Programa Mais Médicos do Brasil e da volta dos médicos cubanos para o seu país de origem. Foi usada como base, principalmente, nas publicações dos pesquisadores Wozniak *et al.* (2014) e Wessler *et al.* (2016).

A abordagem utilizada por Wozniak *et al.* (2014) se concentra na multimodalidade na cobertura de imprensa. Para esses autores, isso se refere aos dois modos significativos de informação, texto escrito e representações visuais, bem como dois modos de comunicação, enquadramento e narrativa. Segundo Wessler *et al.* (2016), a maior parte do nosso ambiente de mídia contemporâneo é de caráter multimodal. O diferencial proposto por esse método, que escolhemos para trabalhar nesta pesquisa, é justamente o potencial de considerar esses aspectos de modo conjugado.

A análise do enquadramento noticioso das narrativas do Mais Médicos foi realizada buscando identificar apenas três enquadramentos noticiosos: conflito, episódico e temático.

Com base na pesquisa, os enquadramentos: 48,2% das narrativas foram de modo temático. Para a análise, o enquadramento temático foi entendido como as narrativas que estavam preocupadas em contextualizar, aprofundar, discutir e trazer questões específicas e complexas do problema; 41% são episódicos. Para tal, levaram-se em consideração as narrativas que concentram no fato específico e que têm pouca ou quase nenhuma profundidade; 10,8% são de conflito e este enquadramento foi analisado tendo como entendimento as disputas

de interesse entre o governo federal e outros países; disputa política ou de interesses entre o governo federal e os estados e municípios e a disputa entre as instituições e as pessoas ou profissionais.

Pode-se afirmar que a *Folha de S. Paulo*, no período de recorte da análise, estava preocupada em contextualizar, aprofundar, discutir e, principalmente, trazer para o leitor as questões específicas e complexas sobre o Programa Mais Médicos, fato este que se comprova pela porcentagem de enquadramentos temáticos. Todavia, é preciso ressaltar que há certo equilíbrio na distribuição das narrativas entre enquadramentos temáticos e episódicos, demonstrando que o jornal também seguiu de algum modo a agenda oficial do governo e o desenrolar dos fatos, mas não aprofundou e não contextualizou o assunto. Por fim, apesar de ser um tema visto como polêmico e que divide opiniões em algumas ocasiões, o aspecto do conflito não foi tão explorado.

Levando-se em consideração as editorias das narrativas: 57,8% foram publicadas em Cotidiano; 38,6% em Opinião; 1,2% tanto na *Folha Corrida* quanto em Poder e no caderno Ilustrada.

É importante destacar que a editoria Cotidiano foi a que teve a maior porcentagem de narrativas publicadas. É nessa editoria que a *Folha de S. Paulo* faz a cobertura dos principais fatos nas áreas de educação, urbanismo, violência, saúde pública, ambiente, administração pública e comportamento. O assunto em estudo, o Programa Mais Médicos, integra a área de políticas públicas em saúde no Brasil, o que chama atenção é que apesar de ser marcado por disputas políticas, aparece apenas em 1% na editoria de Poder.

O fato de 38,6% das narrativas terem sido veiculados no caderno Opinião revela o quanto o tema foi alvo de discussão nas mais diversas arenas, atraindo análises de colonistas e de outras pessoas que se posicionaram sobre a questão. Conforme o exemplo da opinião de um leitor publicada no dia 17 de novembro de 2018:

Chega de trabalho escravo para ganhar voto. Os médicos têm que receber integralmente seus salários e viver com suas famílias. Ainda dizem que os exploradores são os capitalistas. Chega de sustentar sistemas falidos (Lineu Saboia, *Folha de S. Paulo*, tendências/ debates, p. A3).

A maioria das narrativas de opinião são de críticas ao Programa Mais Médicos, principalmente em relação à contratação dos médicos cubanos.

Barbosa (2019) reflete que memórias existem sempre no presente, o que é perceptível na análise que realizamos na narrativa “Cuba sai do Mais Médicos por divergir de

Bolsonaro e deixa projeto em risco” (Figura 01), do dia 15 de novembro de 2018. A narrativa faz parte da editoria Cotidiano, o seu enquadramento é o de conflito, porque nela fica clara a desavença política entre o então eleito presidente, Jair Bolsonaro e o governo de Cuba. Nas narrativas de conflito destaca-se que o governo de Cuba atribuiu a decisão do fim do acordo a questionamentos de Bolsonaro quanto à qualificação dos médicos e ao plano de mudar a parceria, exigindo a aprovação no exame Revalida. Em contrapartida, o presidente eleito chamou as condições de trabalho do programa de “*trabalho escravo*”. Constam ainda nas narrativas opiniões de governadores e de entidades médicas.

FIGURA 1 – Narrativa da *Folha de S. Paulo*

cotidiano
governo Bolsonaro

FOLHA DE S.PAULO ★★★
QUINTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 2018 B1

Chuva pelo país
Leste de SC, PR, SP, MS e sul de MT têm chuva ao longo do dia

Veja como funciona o Mais Médicos

O que é o Mais Médicos?
O programa foi criado em outubro de 2013, no governo Dilma Rousseff (PT). O principal eixo é a contratação de médicos para atuar em municípios e localidades onde faltam profissionais. Também inclui ações de expansão do número de vagas de cursos de graduação, especialização e residência médica e melhoria de infraestrutura da saúde

Que médicos podem participar? A prioridade é para os brasileiros. Se não preencherem as vagas, podem ser contratados médicos estrangeiros. Apesar de serem maioria, os cubanos são os últimos da fila, e só são chamados quando as vagas ficam ociosas

Como é o contrato e o pagamento a Cuba? O acordo que permite a vinda dos profissionais é firmado com a Opas (Organização Panamericana de Saúde). Pelo contrato, o governo brasileiro paga à Opas o valor integral da bolsa oferecida aos médicos (hoje R\$ 11.865,60). A entidade repassa a quantia ao governo cubano, que paga uma parte ao médico (cerca de um quarto), e retém o restante. Isso está previsto no acordo firmado com o governo brasileiro quando o Mais Médicos foi criado

Desembarque de profissionais cubanos em São Paulo em 2013, no primeiro ano do programa Mais Médicos Moacyr Lopes Junior -11.nov13/Folhapress

Cuba sai do Mais Médicos por divergir de Bolsonaro e deixa projeto em risco

Decisão afeta metade das vagas ocupadas; eleito diz que governo cubano não aceitou condições

SÃO PAULO E BRASÍLIA. O gover... integral da bolsa (R\$ 11.865), pede a "revisão do posiciona... Sem Cuba, Brasil perderia metade

Fonte – *Folha de S. Paulo*, quarta-feira, 15 de novembro de 2018 <<https://www.folha.uol.com.br/>>

A fotografia que compõe esse texto tem o objetivo principal de chamar a atenção do leitor para a narrativa, principalmente porque seus protagonistas estão em fila, com malas nos carrinhos e vestidos de jalecos brancos, remetendo à ideia de que os médicos cubanos estão voltando para Cuba. Imagina-se assim que essa foto representa a partida dos médicos cubanos do Brasil, uma vez que o título anuncia: “Cuba sai do Mais Médicos por divergir de Bolsonaro

e deixa projeto em risco” (SEABRA *et al.*, 2018, p.B1). Se essa imagem não tivesse uma legenda, facilmente seria entendida como a partida dos médicos cubanos do Brasil. No caso, o inverso aconteceu, pois a fotografia trata da chegada dos médicos cubanos ao Brasil em 2013 e não da partida, como é destacado no texto. Assim, é uma narrativa onde tem a memória do passado retornando ao presente.

Para Assmann (2008), a memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. Ele ainda destaca a construção da memória através dos grupos “a memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória” (ASSMANN, 2008; p. 117).

Levando-se em consideração o pensamento de Assmann é importante destacar que o Programa Mais Médicos envolveu alguns grupos, são eles: dos governantes; representantes da classe médica, dos próprios médicos que neste programa atuaram (grupo dos médicos brasileiros e dos médicos estrangeiros, neste caso principalmente dos cubanos) e ainda, o grupo dos pacientes e de outros profissionais de saúde. Grupos estes que podem ser facilmente encontrados nas narrativas que foram analisadas durante o período temporal. Na Figura 01 são citadas as opiniões de grupos de governadores e entidades médicas, nas fotografias usadas nas narrativas sobre o Programa Mais Médicos no período de recorte outros grupos podem ser encontrados, afinal estas fotografias tinham o objetivo principal de mostrar as unidades de saúde, os problemas ocasionados aos usuários e o dilema vivido pelos profissionais de saúde com a falta de médicos, os grupos então seriam os usuários, profissionais de saúde e os médicos.

Para Gerk e Barbosa (2018) os processos e conteúdo mais relevantes para a memória hoje estão no jornalismo: testemunho, trauma, discurso terapêutico, guerra. Nas narrativas analisadas os testemunhos sobre o programa são frequentes conforme pode ser observado nos testemunhos retirados da narrativa que foi postada no dia 24 de novembro de 2018: “Passo a maior parte do tempo falando com paciente por paciente, esclarecendo que todos que estavam agendados vão entrar na agenda assim que possível”, Orlanea Monteiro, gerente da unidade São Luiz, em Embu das Artes (PAULUZE, 2018, p.B6). Este testemunho é de uma profissional de saúde e destaca a situação que se encontravam as unidades de saúde depois que os cubanos foram embora. “Foi um impacto muito grande para nós e para a população” Michael, médico cubano, que atendia na Grande São Paulo (PAULUZE, 2018, p.B6). Testemunho de um médico cubano, relatando o impacto causado pelo fim do acordo. “Mandaram eles embora e agora a gente fica aqui sem ninguém”, Débora Miranda, 20 anos, grávida de nove meses, usuária da unidade de saúde (PAULUZE, 2018, p.B6). O testemunho do usuário destaca o vazio

assistencial que passou a existir sem os médicos cubanos. Através desses relatos é possível destacar a memória que foi construída sobre o programa, tanto por parte desses usuários quanto dos profissionais de saúde.

Para Nunes (2001) a memória formatada pelo jornal e, posteriormente, pelas mídias terciárias deve ser entendida como um conjunto de textos lidos por meio de um conjunto de códigos. De acordo com Carvalho (2012), ao narrar, somos capazes de colocar em relação diversas dimensões temporais, jogando com passado, presente e futuro.

Para outros pesquisadores, como de Palacios (2011), o acionamento da memória é de caráter comemorativo ou quanto está sinalizando um fim de trajetória.

Um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo [...]. Ainda mais evidente está o recurso à memória nas reportagens-sínteses, nas retrospectivas dos fatos marcantes do ano, inevitáveis a cada final de dezembro, nas páginas dos jornais, nas telas das TVs, nos sites jornalísticos (PALACIOS, 2011; p. 41 e 42).

O período temporal escolhido para realizar a análise do Programa Mais Médicos sinaliza principalmente o fim de três trajetórias. A primeira, sendo o fim do acordo bilateral entre Brasil e Cuba, marcada pelos médicos cubanos retornando ao seu país de origem; a segunda, o fim do mandato do Presidente Michel Temer; e a terceira, quando o Governo Federal lançou um novo programa para substituir o existente.

Levando-se em consideração o fim das trajetórias citadas anteriormente é interessante observar os resultados obtido sobre a quantidade de narrativas publicadas por período: a maior quantidade de narrativas (22,89%) foi publicada nos dias 17 e 18 de novembro de 2018, isso se deve ao fato da proximidade com o dia em que o acordo foi encerrado, no caso 14 de novembro, e, nessas narrativas, o destaque principal foi a opinião de jornalistas e dos leitores no Painel do Leitor, em relação ao fim do acordo. Ainda é possível observar que as datas com maior publicação de narrativas encontram-se no ano de 2018. A primeira justificativa baseia-se, justamente, na finalização do acordo entre os dois países, e a outra que, no dia 1º de janeiro de 2019, o então eleito presidente, Jair Bolsonaro tomou posse e vários outros assuntos relacionados com o presidente (cultura, economia, educação e etc.) foram preenchendo as páginas dos jornais e distanciando o foco principal, o Programa Mais Médicos.

As pesquisas realizadas nas narrativas jornalísticas ajuda a compreender melhor sobre acontecimentos passados e até mesmo sobre os métodos usados, como explicam Gerck e Barbosa (2018):

História do jornalismo é uma importante e interessante parte da memória pública. Ao olhar arquivos, podemos não só entender sobre eventos passados, mas sobre como esses eventos eram discutidos. E comparar as diferentes formas com as quais os jornais apresentam a abordagem sobre temas e como preocupações e métodos jornalísticos mudam com o tempo (GERCK E BARBOSA, 2018 p. 165).

Nas narrativas analisadas é possível perceber que a *Folha*, procurou destacar várias informações e acontecimentos do programa Mais Médicos. Conforme podemos observar na narrativa do dia 28 de novembro de 2018, de acordo com o representante da Opas (Organização Pan-Americana de Saúde) no Brasil, Joaquín Molina,

“Quando o Brasil criou o programa Mais Médico, ele estava em uma situação desesperada, com milhares de vagas lançadas sucessivamente todos os anos [pelos municípios] e não ocupadas. E as que estavam ocupadas era de forma parcial. Havia em médicos por oito horas, 20 horas na semana. Mas nunca com jornada de 40 horas” (CACIAN, 2018, p.B3).

Molina destaca sobre o vazio assistencial que existia no Brasil antes da chegada dos médicos cubanos. Para o professor de medicina da Universidade Federal da Paraíba Felipe Proença de Oliveira, médico que ficou por mais tempo à frente da coordenação nacional do programa, de 2013 a 2016 “olhando o comportamento de todos os editais, não vejo como seja viável preencher 10 mil vagas com brasileiros. O que pode acontecer é preencher com brasileiros formados no exterior” (CACIAN, 2018, p.B2). Ele destaca a dificuldade de preencher as vagas, após a partida dos médicos cubanos. A moradora da zona rural de Anguera, a merendeira Sueli Gonçalves, relata a dedicação das médicas que acompanham sua mãe “elas vão sempre lá na roça para acompanhar minha mãe. Não sei como vai ser sem elas”, e ainda critica a decisão de Bolsonaro “ele está fazendo coisa errada. Mas Deus não vai deixar que nossas médicas vão embora” (PITOMBO E LINHARES, 2018, p.B4). Através destes testemunhos é possível compreender melhor sobre os acontecimentos que envolveram o Mais Médicos.

Uma narrativa jornalística não é composta apenas por texto, mas também por imagens (fotografia, infográfico ou ilustração), a questão que será abordada agora é relacionada à fotografia como memória. Existe a consciência que este é um assunto que geralmente resulta

em polêmica, justamente porque muitos pesquisadores não consideram a fotografia como memória porque esta pode sofrer alterações e edições deixando assim, de representar o real momento da captura. Porém, no presente estudo, destacar-se-á a fotografia como memória nas narrativas dos Mais Médicos.

Para Felizardo e Samain (2007) é incontestável afirmar que a fotografia pode ser considerada um dos grandes relicários, documento/monumento, objeto portador de memória viva e própria. Para Monego e Guarnieri (2012) a fotografia funciona como uma espécie de memória social:

Um fator importante para a recordação é a fotografia, pois ela funciona como uma espécie de memória social, capaz de registrar momentos, pessoas e locais que nunca mais existirão. Desde os anos trinta e quarenta, com o avanço das máquinas fotográficas, que permitiram uma fixação rápida e instantânea das cenas vividas pelos grupos sociais e dos próprios indivíduos, a fotografia passou a registrar imagens que poderão servir de memória [...]. A fotografia serve como recurso à reconstrução da memória, tanto individual como de grupos sociais. Podemos afirmar que a fotografia funciona nas nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada, e o que resta são memórias dos momentos vividos (MONEGO e GUARNIERI, 2012; p.73 e 85).

De um total de 83 narrativas, 41% possuem algum tipo de imagem. 31,3% há imagens fotográficas; em 21,7%, infográficos e em 3,6%, ilustrações. Comprova-se assim que a fotografia foi a imagem mais usada nas narrativas.

As imagens foram usadas para valorizar o conteúdo da narrativa, destacar os efeitos pelo fim do acordo e chamar a atenção do leitor para o conteúdo. Nas fotografias foram representados principalmente os usuários, profissionais da saúde e médicos cubanos. Todas as imagens analisadas representam as memórias dos momentos vividos pelos três grupos citados. Para Lage (2013),

Falar de memória como um imperativo, uma obrigação, é imediatamente evocar ao menos dois compromissos: com o passado, que merece ser lembrado, especialmente no caso de traumas a partir dos quais podemos tirar lições; e com o futuro, precisamente porque seria pela lembrança e por sua exemplaridade que se pode trabalhar para que o passado não se repita (LAGE, 2013; p. 219).

Hoje, o Programa Mais Médicos, para a população que vive em áreas remotas e periferias de grandes cidades é uma memória de uma época em que o básico era ofertado e as narrativas comprovam, justamente, pelo caos que se formou nas unidades de saúde. Quando os médicos cubanos deixaram de atender, a precariedade retornou a todas as áreas outrora

atendidas pelo programa, retornando à população brasileira a escassez de direitos básicos constitucionais.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo destacar a relação entre jornalismo, memória e narrativa através da representação do Programa Mais Médicos pela *Folha de S. Paulo*. De acordo com a análise, as narrativas possuem conteúdos que remetem à memória, como os testemunhos citados por Gerk e Barbosa (2018). Os testemunhos são as memórias dos principais envolvidos e são as que comprovam o quanto o programa foi importante para as áreas mais remotas e periferias das grandes cidades.

Em outras narrativas é possível perceber a memória do passado, retornando ao presente. Desde sua criação o programa Mais Médicos sempre esteve presente na mídia, com o encerramento do programa assuntos relacionados à criação ou quando os médicos cubanos chegaram ao Brasil voltaram ao destaque, um exemplo em destaque foi a narrativa que a parte textual relatava da partida dos médicos e a imagética destacava a chegada do médicos cubanos no Brasil, em 2013.

Como destaca alguns pesquisadores, viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória, vários grupos foram representados nas narrativas principalmente na análise das fotografias, entre os grupos estão os profissionais de saúde, usuários, médicos cubanos, governadores e a entidade médica brasileira.

Houve o acionamento da memória atrás do fim de três trajetórias sendo: o fim do acordo bilateral entre Brasil e Cuba; o fim do mandato do Presidente Michel Temer e lançamento do novo programa para substituir o existente.

As fotografias foram usadas para valorizar o conteúdo da narrativa, destacar os efeitos pelo fim do acordo e chamar a atenção do leitor para o conteúdo.

A memória construída pelas narrativas sobre o programa Mais Médicos nos possibilita relembrar uma época em que as áreas mais remotas e periferias foram beneficiadas pelo atendimento médico. A ausência de um programa robusto de saúde que atenda um país do tamanho do Brasil deixa lacunas e descaso, além da memória de quando o país ainda considerava 100% do seu território abraçado pelos direitos de saúde e pelos direitos básicos Estatais que devem ser seguidos pela lei máxima do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. **A narrativa Jornalística Para Além dos *FaitsDivers***. Facom/UFJF, 2000.
- ANUNCIACÃO, C. **A narrativa jornalística: elementos para uma teoria do acontecimento**. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2011.
- ASSMANN, J. **Communicative and cultural memory**. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118. Trad. In *Revista de História Oral*, v. 19, n. 1 (2016).
- BARBOSA, M. C. **Comunicação, história e memória: diálogos possíveis**. *MATRIZES*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 13-25, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i1p13-25.
- BARBOSA, M. C. **O que a história pode legar aos estudos de jornalismo**. *Contracampo*, nº 12, p. 51-62, 2005.
- BRAGA, R. **As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível**. *OSAL - Observatorio Social de América Latina*, Buenos Aires, v. no 2013, n. 34, p. 51-61, 2013.
- BRASIL. Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013. **Institui o Programa Mais Médicos, altera a lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, e nº 6.932, de 7 de julho de 1981, e dá outras providências**. Diário Oficial da União 2013; 23 de outubro de 2013.
- CANCIAN, N. **Brasil estava desesperado sem cubanos, diz membro da Opas**. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 nov. 2018. Cotidiano, p. B3. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48542&anchor=6106510&origem=busca&originURL=&pd=92446a56cf2bfe2747cfba285b22439d>>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- CANCIAN, N. **Será difícil repor 10 mil vagas, diz ex-chefe do Mais Médicos**. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 nov. 2018. Cotidiano, p. B2. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48529&anchor=6105605&origem=busca&originURL=&pd=94c387bc888d8259a732b9e5f1c9adff>>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- CARVALHO, C. A. **Narrativa jornalística e memória: a cobertura noticiosa dos 30 anos de aparição pública da Aids**. *Líbero*. 2012;15:105-118.
- FOLHA DE S. PAULO. **Folha é o jornal mais nacional do país e o de maior audiência e circulação**. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/folha-e-o-jornal-mais-nacional-e-o-de-maior-audiencia-e-circulacao.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- FELIZARDO, A.; SAMAIN, E. **A fotografia como objeto e recurso de memória**. *Discursos fotográficos*, Londrina, n.3, v.3, p.205-220, 2007. Disponível: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500/1246>>. Acesso: 07 jun. 2021.
- GERK, C.; BARBOSA, M. C. **Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente**. *Contracampo*, Niterói, n.1, v.37, pp. 150-167, abr.-jul. 2018.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.
- LAGE, L. R. **Jornalismo, memória e esquecimento: o massacre de Realengo na retrospectiva de Veja**. *Revista Brazilian Journalism Research*, v.9, n.1, 2013.

MACEDO, A. S. *et al.* **O papel dos atores na formulação e implementação de políticas públicas: dinâmicas, conflitos e interesses no Programa Mais Médicos.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, p. 593 a 618, jul. 2016.

MONEGO, S.; GUARNIERI, V. **A fotografia como recurso de memória.** Revista Cadernos do Ceom, v. 25, n. 36, p. 71-87, 2012.

MORAIS, I. A. *et al.* **Jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense: o que dizem sobre o Programa Mais Médicos?** Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, 2014.

MOTTA, L. G. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. Universidade de Brasília. Brasília.

MOTTA, L. G. *et al.* **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Volume XXVII, nº 2, 2004.

NOBRE, M. **Choque de democracia: razões da revolta.** Companhia das Letras. São Paulo, SP, 2013.

NUNES, M. R. F. **A memória na mídia: a evolução dos memes de afeto.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

PALACIOS, M. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História.** *MATRIZES*, n.4, v.1, 2011, p.37-50.

PAUZULE, T. **Saída de cubanos deixa pacientes sem consulta e receita na Grande SP.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 nov. 2018. Cotidiano, p. B6. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48537&anchor=6106114&origem=busca&originURL=&pd=a2fee3e529e2a90adcb9dc9609ede124>>. Acesso em: 18 jul. 2021

PITOMBO, J. P. *et al.* **Famílias que dependem de cubanos temem a rotina de “órfãos da saúde”.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 nov. 2018. Cotidiano, p. B4. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48530&anchor=6105674&origem=busca&originURL=&pd=f72620a6948629ae68eec6b878749b89>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

RESENDE, F. **O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista.** *ContraCampo: Brazilian Journal of Communication/ PPGCOM-UFF*, 2005.

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões.** Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SABOIA, L. **Painel do leitor: Mais Médicos.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 nov. 2018. Opinião – Tendências/ Debates, p. A3. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48529&anchor=6105589&origem=busca&originURL=&pd=57f2d5e6c68e274f862ed97b116cedd4>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SANGLARD, F. N. **Verdades possíveis: o jornalismo brasileiro e as narrativas sobre a ditadura durante o funcionamento da Comissão Nacional da Verdade.** Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

SEABRA, C. *et al.* **Cuba sai do Mais Médicos por divergir de Bolsonaro e deixa projeto em risco.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 nov. 2018. Cotidiano, p. B1. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=48526&anchor=6105441&origem=busca&originURL=&pd=886bf989c253c343fdaade7eef102595>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SILVA, E. S. **PROGRAMA MAIS MÉDICOS: a formação de uma política pública**. Campinas: Repositório da Produção Científica e Intelectual da UNICAMP, 2017.

TELLES, H. *et al.* **PROGRAMA MAIS MÉDICOS DO BRASIL: a centralidade da relação médico-usuário para a satisfação com o programa**. Caderno CRH, Salvador, v. 32, n. 85, p. 101-123, 2019.

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

WESSLER, H. *et al.* **Global Multimodal News Frames on Climate Change: A Comparison of Five Democracies around the World**. Institute for Media and Communication Studies, University of Mannheim. Mannheim, Germany, 2016.

WOZNIAK, A. *et al.* **Frames, Stories, and Images: The Advantages of a Multimodal Approach in Comparative Media Content Research on Climate Change**. Routledge. Mortimer Street, London, 2014.